

Indústria gera mais vagas, mas só contrata se treinar



Oportunidade. Pablo Amaral, de 28 anos, passou por um curso do Senai bancado por uma petroleira para se tornar operador de plataforma. Saiu da sala de simulação com uma vaga na indústria de óleo e gás

FALTA QUALIFICAÇÃO

Indústria abre vagas, mas, além de contratar, tem de treinar mão de obra

GLÁUCIE CAVALCANTI

A paulista Bianca Siraga, de 26 anos, teve uma experiência na indústria calçadista anos atrás. Acabou deixando a vaga para trabalhar como cuidadora de idosos. Há sete meses, porém, ela voltou ao chão de fábrica como auxiliar de produção da Kidy, de calçados infantis, na unidade de Birigui, no interior de São Paulo. Agora ganha mais e já tem cursos de aperfeiçoamento no horizonte.

Bianca é mais uma brasileira que embarca na expansão do emprego na indústria, que deixou para trás um longo inverno e começa a investir e contratar puxada pela alta do PIB e do consumo. No trimestre encerrado em setembro, empresas industriais lideraram a abertura de vagas no setor privado, com 416 mil contratados (34% do total), alta de 3,2% ante os três meses anteriores, segundo o IBGE. Um em cada três do 1,2 milhão de trabalhadores que conseguiram uma ocupação foi para a indústria.

Esse avanço alcança os mais diferentes segmentos, de calçados e vestuário a eletroeletrônicos, de veículos a óleo e gás, e deve permanecer nos próximos anos. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) estima que as fábricas vão colocar para dentro 2,2 milhões de novos trabalhadores até 2027 — sendo 609,4 mil em posições que não existem hoje e serão abertas a reboque da expansão das atividades. O restante vai repor aposentados e profissionais que migram para outros setores.

No entanto, o país não tem mão de obra experiente e especializada suficiente. O jeito é a própria indústria treinar. A CNI estima que 11,8 milhões de trabalhadores do setor precisarão ser requalificados em três anos, muitos deles profissionais que já estão nas linhas de produção.

— A demanda maior é por nível técnico. As empresas querem domínio da função, mas só 11% dos jovens no Brasil fazem técnico no ensino médio, contra 33% no Chile e mais de 40% na média dos países da OCDE. É um gargalo. Existe hoje um movimento para corrigir esse cenário — diz Felipe Morgado, superintendente de Educação Profissional e Superior do Senai, o serviço de aprendizagem da indústria. — Está subindo a empregabilidade dos nossos alunos formados, 85,6% estão empregados em até um ano.

REMUNERAÇÃO MAIS ALTA Para Bianca, que tem o ensino médio, a passagem anterior pela indústria a ajudou a conquistar o novo emprego:

— Como eu já tinha experiência como auxiliar de produção em outros serviços nessa área ficou mais fácil conseguir a vaga. A experiência fez diferença. Agora tenho a oportunidade de uma segunda vez desde 2016. A Kidy, que contratou Bianca, é uma das empresas que conversa com o banco de fomento para financiar seu plano de negócios.

A calçadista paulista cresce a uma taxa de 15% este ano na comparação com 2023. Com isso, passou de 560 para 700 colaboradores nos últimos 12 meses. Nas fábricas — além da unidade paulista, há outra em Três Lagoas (MS) —, a previsão é de mais 60 contratações até o fim do ano, diz João Marcelo Fernandes, gerente de Recursos Humanos do grupo:

— Estimamos ampliar em mais 15% a equipe em 2025. Uma das metas é trazer os jovens para o ramo calçadista. Criamos um programa interno para 40 aprendizes. Eles ficam na produção e acompanham formação do Senai. São apadrinhados, saem de aprendizagem para estagiário. Depois, (viram) técnico ou auxiliar de al-

renda esquentou a demanda por bens de consumo. Em paralelo, programas do governo como o Nova Indústria Brasil (NIB) — política industrial lançada em janeiro com R\$ 342 bilhões em incentivos à atualização e à expansão do parque fabril nacional — vêm alargando investimentos.

A indústria automobilística, um dos alvos da NIB e do programa de incentivo à descarbonização *Mover*, é outra contratando. A Toyota, por exemplo, acaba de inaugurar um centro de distribuição de peças em Sorocaba, empregando 240 pessoas. É parte de um plano de investimentos de R\$ 11 bilhões até 2030, que inclui a construção de uma segunda fábrica na cidade do interior paulista. Serão 500 funcionários ali a partir de 2026 e 2 mil dentro de seis anos.

De janeiro a setembro, a indústria respondeu por 27% das aprovações de crédito do BNDES, superando as do agronegócio pela primeira vez desde 2016. A Kidy, que contratou Bianca, é uma das empresas que conversa com o banco de fomento para financiar seu plano de negócios.

A calçadista paulista cresce a uma taxa de 15% este ano na comparação com 2023. Com isso, passou de 560 para 700 colaboradores nos últimos 12 meses. Nas fábricas — além da unidade paulista, há outra em Três Lagoas (MS) —, a previsão é de mais 60 contratações até o fim do ano, diz João Marcelo Fernandes, gerente de Recursos Humanos do grupo:

— Estimamos ampliar em mais 15% a equipe em 2025. Uma das metas é trazer os jovens para o ramo calçadista. Criamos um programa interno para 40 aprendizes. Eles ficam na produção e acompanham formação do Senai. São apadrinhados, saem de aprendizagem para estagiário. Depois, (viram) técnico ou auxiliar de al-

OS NÚMEROS DO SETOR

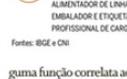
A indústria responde por mais de um quarto da economia...



... mas a perspectiva de crescimento do setor vai demandar mais mão de obra.



Em algumas áreas, faltam profissionais qualificados para as vagas...



... mas a remuneração é mais alta que a média brasileira.



Fontes: IBGE e CNI

guma função correlata ao curso que estejam fazendo. O desafio na contratação dos jovens, diz Fernandes, vem da disputa com áreas de tecnologia, como programação, marketing digital e comércio eletrônico. Quem seque nas fábricas é disputado. — Está difícil porque as pessoas estão empregadas. É mais fácil encontrar profissionais de nível superior do que um bom técnico do calçado. Em Três Lagoas, em algumas funções fundamentais para a

montagem final dos calçados, definimos uma remuneração um pouco mais alta para reter talentos — diz Fernandes. A boa notícia para o trabalhador é que o emprego na indústria geralmente é de melhor qualidade, com mais benefícios e remuneração acima da média nacional. De acordo com pesquisa da CNI, o salário médio do setor para profissionais com ensino médio completo é de R\$ 3.096. Nas vagas de nível superior, a média em atividades industriais é de R\$

11.783. A remuneração média em todo o país é de R\$ 2.713 e R\$ 8.215, respectivamente.

Segundo Haroldo Ferreira, presidente-executivo da Abicalçados, associação dos fabricantes de sapatos, de janeiro a setembro o setor gerou 4% mais vagas que em igual período do ano passado:

— Dificuldade em contratar é um "problema bom", sinal de aquecimento da economia. Setores de manufatura intensivos em mão de obra enfrentam concorrência de postos de trabalho mais atrativos.

Luitza Martin, coordenadora de Gestão de Talentos e Recrutamento na petroleira Prio, diz que essa situação pode gerar distorções:

— As empresas começam a competir por profissionais, o que pode resultar em aumentos salariais. Isso pode acabar criando uma bolha, algo que já vimos acontecer em ciclos anteriores, mas quando o ciclo de baixa chega, ocorre a desmobilização de pessoal.

Com 1 mil empregados hoje, em meio ao ciclo de forte expansão do setor de óleo e gás, a Prio contratou 170 pessoas neste ano e prevê chegar a 200 até o fim de 2024. Para contar com a mão de obra adequada, a petroleira investe em qualificação. Patrocina, desde 2022, um curso do Senai no Rio para treinar profissionais para a produção de petróleo em alto-mar em parceria com a Firjan, que reúne as indústrias do Estado do Rio, e as organizações Todos na Luta e Instituto Reação. Um terço dos 300 formados foi contratado. Um deles é Pablo Amaral, de 28 anos.

— É um curso bem específico para operador de produção de petróleo offshore (no mar), e a contratação foi instantânea. Fiz um curso na área de petróleo quando saí do ensino médio, em 2016, mas essa requalificação garantiu minha entrada na indústria — conta o jovem, que agora cursa engenharia química.

SALÁRIO NÃO BASTA

Sérgio Duarte, CEO da Chinezinho e presidente da Rio Indústria, ampliou em 15% a equipe da companhia fluminense de alimentos neste ano. E diz que aumentar a remuneração não é suficiente para reter talentos:

— É preciso investir em capacitação e benefícios, criar novos arranjos para crescer. A Midea Carrier, de ar-condicionado, ampliou a produção de sua fábrica em Manaus em 50% este ano em relação a 2023, conta Luciano Oliveira, gerente industrial sênior da empresa. E isso pediu reforço na equipe, que agora é de 550 funcionários, com 100 efetivos de 350 temporários.

A Gupy, plataforma digital de recrutamento profissional, viu oferta de novas oportunidades na indústria subir 77% nos 12 meses anteriores a julho deste ano. As contratações cresceram 73%. Isso deve se manter em 2025, prevê Jhenyffer Coutinho, líder de Experiência da Pessoa Candidata da empresa:

— O senso comum nos coloca em tecnologia e programação, olhando para o futuro. Faz as pessoas perderem interesse em atividades técnicas. Mas o futuro não é só tecnologia. Profissionais mais operacionais continuam sendo buscados, porque não são substituídos por inteligência artificial (IA). Uma das demandas para o futuro é por operador de máquina, por exemplo. (Colômbia) Carolina Nalin